

Tempo, Modo e Aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo

**Adriana Maria Tenuta de Azevedo
Universidade Federal de Minas Gerais**

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the verbal categories of Tense, Aspect and Mood as having the discourse function of distinguishing linguistic material from the foreground and background parts of narratives in the Portuguese language. The corpus analysed was taken from spontaneous oral narratives from speakers of Brazilian Portuguese.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho(*1) consiste na apresentação de uma pesquisa que visou à análise das categorias verbais de Tempo, Modo e Aspecto da língua portuguesa como mecanismos discursivos reguladores do fluxo da narrativa.

Labov(1972) delimita a existência de uma narrativa pela presença de, no mínimo, duas 'orações narrativas', isto é, orações ordenadas temporalmente. Ao narrar, porém, o falante apresenta esta seqüência de eventos que se sucederam, mas não somente isto: estes eventos são geralmente situados num contexto determinado, físico ou psicológico, e pode-se fazer ainda qualquer comentário ou julgamento a respeito deles.

A narrativa é estruturada contendo uma linha central de acontecimentos seqüenciados, que são as 'orações narrativas', apresentando exclusivamente os eventos ordenados temporalmente, e uma quantidade maior ou menor de informação de apoio, que confere substância e textura ao discurso.

A seguir, um trecho de uma das narrativas coletadas para este trabalho(*2):

(1). *E eu olhei
e fui panhá água.*

*Porque lá ninguém tem água em casa, né?
tudo é panhado no rio.*

*Quando na época da chuva, que o rio enche,
Então a gente pega água no corgo.*

Lá tem aqueles bonito, corrente, né?

Tava vazio,

*ai fui pegá água pra minha mãe.
E vi aquele pé.*

No exemplo acima, as orações mais à esquerda correspondem aos eventos centrais da narrativa e as mais à direita trazem informação suplementar, especificando o contexto onde os fatos ocorreram; é como a descrição de um cenário que enriquece a estória. Observe-se que os tempos verbais utilizados foram o 'presente' e o 'imperfeito', em oposição ao 'pretérito perfeito' que caracteristicamente marca as 'sentenças narrativas', mais à esquerda. As categorias de Tempo e Aspecto verbais, principalmente, e também Modo, servem ao propósito de sinalizar para o ouvinte (ou leitor) qual é o material central e qual o que o complementa.

2. AS NOÇÕES DE FIGURA E FUNDO

Foram utilizados, como noções básicas para este estudo, os conceitos de FIGURA e FUNDO, que estão em Hopper(1979). Estas noções descrevem um princípio de percepção da realidade narrativa, que é a contraparte temporal do seguinte princípio cognitivo da teoria Gestalt para o campo da percepção espacial:

Percebemos o mundo ressaltando determinados aspectos (FOREGROUND) em relação a outros (BACKGROUND).

Reinhart(1982) coloca, como sendo a primeira descrição intuitiva da relação figura/fundo, o fato de a figura ser percebida como estando sobre o fundo, ou seja, o fundo continuando por sob a figura.

As relações temporais presentes num texto narrativo são interpretadas como análogas a estas relações espaciais. O texto narrativo representa uma determinada realidade que é definida numa linha temporal específica. A FIGURA corresponde a essa parte do texto que contém os eventos ordenados nesta linha; são estes eventos que avançam a estória, que a conduzem ao seu final. O FUNDO, por outro lado, contém situações que ampliam esta estória, onde os aconteci-

mentos não são atados pela exigência da seqüencialidade. O material tipicamente não-temporal do FUNDO, isto é, as descrições, os estados dos personagens ou os ambientes físicos são percebidos como que continuando por sob a FIGURA.

Estas noções têm sido muito úteis nos estudos de textos narrativos feitos por vários lingüistas e estes estudos têm mostrado haver, em geral, nas línguas algum tipo de gramaticalização, ou seja, algum mecanismo morfossintático que realize a distinção FIGURA/ FUNDO. Hopper(1979) mostra como isso se dá no francês, no russo, no malaio e no inglês arcaico. Li, Thompsom & Thompson (1982) trabalham com o mandarim; Kalmár(1982), com o inuktitut, um dialeto do oeste da Groenlândia e Givón(1982) mostra esta marcação no crioulo prototípico, comparando o sistema de tempo, modo e aspecto com o do hebraico bíblico.(*3)

Tendo em vista a relevância das noções de FIGURA e FUNDO para a realidade narrativa, procurou-se mostrar, neste estudo, que no português esta distinção é feita em grande parte através do uso específico das categorias de Tempo, Modo e Aspecto.

3. TRATAMENTO DOS DADOS

Trabalhou-se com narrativas orais que foram gravadas e transcritas, tendo seus elementos verbais sido analisados e catalogados. Para esta catalogação, foi necessário dividir os textos narrativos transcritos em orações e separar as orações em FIGURA e FUNDO.

A. As Categorias Discursivas

Ao separar-se as unidades oracionais em estruturas pertencentes à FIGURA ou ao FUNDO narrativo, percebe-se que há seqüências que não se encaixam de imediato nestas categorias. São exemplos disto o discurso direto e estruturas subordinadas a estruturas da FIGURA. Assim, num primeiro momento, ampliou-se o quadro básico da estruturação da narrativa para refletir melhor essa diversidade dos elementos do texto. Trabalhou-se então com quatro níveis ou catego-

rias discursivas como relacionados a seguir:

- Categoria 1 - Discurso Direto
 2 - FIGURA
 3 - Categoria Intermediária
 4 - FUNDO

Deste quadro tem-se:

Categorias Maiores ou Principais: **FIGURA e FUNDO**

Categorias Secundárias: **Discurso Direto e Categoria Intermediária**

1. Discurso Direto

Às vezes, grande parte da estória é narrada em discurso direto. O narrador 'encena' os diálogos acontecidos. O material presente nesta parte da narrativa é formalmente muito diferente do material da FIGURA propriamente dito (Categoria 2). No seguinte exemplo, as estruturas sublinhadas estão no discurso direto enquanto as outras pertencem à FIGURA:

- (02). *Chegou pra mim*
'ó sir, I speak English.'
Eu falei
'Olha, cê tá muito enganado comigo.
num sô gringo não.
Que cê tá quereno, ô rapaz?'
'Ah, desculpe, tal, né, eu... tio.'
Aí me chamô de tio.
Falei
'Olha, eu num sô seu tio coisa nenhuma,'
Num sô nada seu, viu?
mas tudo bem, tudo bem.
Agora cê tá perdeno seu tempo comigo, tá?
Eu tô quase te mandano à merda, rapaz.'
Falei pra ele.
Falô
'O que é que há?
Num vai brigá comigo não'

Como visto, é possível haver narrativas com muita informação nesta forma, inclusive com seqüências em outra língua perfeitamente acomodadas ao texto.

2. FIGURA

Aqui estão os eventos narrados na seqüência cronológica em que supostamente ocorreram. É a linha central da estória, caracterizada quase que exclusivamente pelo uso de pretérito perfeito. Observe-se um trecho narrativo tipicamente de FIGURA:

(03). Aí chega chega a madre, a ma-
E ele pegô o o- a santa ceia
e botô num canto assim lá na oficina
e pediu pro Chico, o empregado nosso, de papai
que enca- que ele embalasse a santa ceia

3. Categoria Intermediária

Esta categoria é intermediária entre as duas principais (a FIGURA e o FUNDO). São estruturas substantivas, relativas, finais, construções com gerúndio, ligadas a estruturas da FIGURA. Observe-se no exemplo (04) a estrutura sublinhada e no exemplo (03) a última estrutura (a não-sublinhada):

(04). Aí chegou um daqueles malandros lá de praia,
aqueles caras lá
que eu manjo
Falou assim...

4. FUNDO

Esta categoria é formalmente mais variada e complexa, pois apresenta diferentes elementos que dão suporte à linha central dos eventos. Encontram-se no FUNDO: *descrições, explicações, comentários*

os, *julgamentos*, caracteristicamente, mas há também material temporal como é o caso das *elaborações, repetições e subenredos*. Esta categoria é então extremamente variada e, como reflexo disto, apresenta uma variação formal também grande.

No exemplo a seguir há descrições/explicações (estruturas sublinhadas) que ajudam a compor o cenário para os fatos da FIGURA (estruturas não-sublinhadas):

(05). *E nós saímos à noitinha*
ainda não havia luz elétrica na cidade.
E nós atravessamos a cidade toda
mas na minha rua não havia lâmpião de gás
e nós tínhamos que passar primeiro por uma ponte.
*E a ponte era do lado do cemitério, bem ao lado do cemi-
tério.*

Observe-se agora uma seqüência temporal de FUNDO, como informação de suporte à linha central dos eventos:

(06) *E eu gostava demais*
de tomá ovo de manhã assim ó
galinha levantava
pra espreme
e eu enfiava minha mão assim
e o ovo caía quentinho aqui. /UNHUM/
E eu batia no pau,
escorria a clara
e engolia a gema.

Como já dito, as categorias 1 e 3 são secundárias e, num segundo momento, após observar-se como se comportam em termos de seus elementos verbais, poderão ser agrupadas a qualquer uma das principais, ou seja, após análise, suas estruturas poderão ser consideradas como de FIGURA ou de FUNDO.

B. A Catalogação dos Elementos Verbais

Uma vez separadas as orações nas categorias discursivas mostradas acima, foram analisados os elementos verbais de cada categoria quanto às suas características de Tempo, Modo e Aspecto. Há valores temporais, modais e aspectuais que só se realizam contextualmente, entendendo-se por contexto o ambiente lingüístico mais amplo que o da sentença e considerou-se tais valores para a catalogação feita.

Em relação à expressão de valores modais, cada estrutura foi computada como *real*, se era um fato apresentado pelo falante como certo acontecido, ou como *irreal*, se expressava incerteza, possibilidade, desejo, etc.

Os recursos utilizados pelos falantes para a expressão de *irreal*, encontrados no corpus, foram: formas com valor de futuro; imperativo; subjuntivo; perífrases modais com *dever/ ter que/ poder/ tentar + Infinitivo*; estruturas subordinadas a verbos do tipo de *resolver, achar, mandar, querer, caçar jeito de, parecer*; condicionais; estruturas alternativas; perguntas sim/ não.

Já o sistema de tempos verbais da língua portuguesa é complexo e há formas verbais que têm um determinado rótulo mas que, no contexto onde se inserem, têm um sentido temporal distinto daquele expresso por este rótulo. Por exemplo, há o presente com valor atemporal, com valor de futuro e até de passado; há o pretérito perfeito com valor de mais-que-perfeito; há o imperfeito com valor de futuro do pretérito. Levou-se em conta neste trabalho o valor semântico real destas formas verbais.

Aspecto, diferentemente de Tempo, não é uma categoria dêitica, isto é, não tem a função de localização do momento do fato verbal em referência a outro momento. Esta categoria lida com a temporalidade de uma forma diferente: focaliza a constituição temporal interna do fato, apresentando a distinção básica entre aspecto Perfectivo e Imperfectivo que, segundo Comrie (1976) (*4), é a oposição entre a visão do fato verbal como um todo, completado, de um lado, e a referência à sua estrutura interna, com possibilidade de visualização das partes que o compõem, de outro. Há ainda o Perfeito, considera-

do às vezes Tempo, às vezes Aspecto, que é a expressão de uma relação entre dois tempos, havendo um fato anterior que resulta num determinado estado posterior(*5).

O valor aspectual Perfectivo foi encontrado no corpus expresso pelo 'pretérito perfeito' e pelo 'presente histórico'. Já o Imperfectivo apareceu expresso pelo 'imperfeito', 'presente atemporal', 'presente com valor de futuro', 'imperfeito com valor de futuro do pretérito', 'gerúndio', 'infinitivo', 'imperfeito do subjuntivo' e 'imperativo'. O Perfeito apareceu em formas com 'mais-que-perfeito composto', 'particípio passado' e 'pretérito perfeito com valor de mais-que-perfeito'.

O Perfectivo está em oposição ao Imperfectivo, mas se combina também com ele. Sabemos que valores como *habitual*, *iterativo*, *contínuo* e *progressivo* são em princípio imperfectivos. Porém, em contextos específicos, encontramos alguns deles expressos perfectivamente. O discurso é riquíssimo e os conteúdos semânticos aspectuais se misturam, muitas vezes inusitadamente.

Então, os valores aspectuais ligados a uma mesma forma verbal, encontrados no corpus, foram os seguintes:

Iv- apenas valores imperfectivos

Pv- apenas valores perfectivos

P- valor perfeito

i Pv- valor aspectual básico perfectivo com nuances imperfectivas

Do corpus utilizado ainda foi contado o número de estruturas que cada categoria discursiva apresentou e os elementos verbais também foram analisados segundo características sintáticas e semânticas, levando-se em conta traços como número de argumentos diretos, volição e animação do argumento sujeito e semântica do predicado. Foram computados como verbos de *ação*, *estado* e ainda *resultativos*, *não-volitivos*, *de cognição* e *sentimento*; estes últimos, entretanto, pouco numerosos.

Podemos, agora, dizer algo à guisa de recapitulação: com base no fato, exposto pela teoria Gestalt, de que ao percebermos o mundo à nossa volta o fazemos ressaltando certos aspectos em relação a ou-

tros e que esta percepção cognitiva tem conseqüências lingüísticas, refletindo-se nas gramáticas das línguas, trabalhou-se com a hipótese de que, no português, o sistema verbal, com suas variações de Tempo, Modo e Aspecto, é usado sistematicamente em textos narrativos para estabelecer tal distinção cognitiva. E após a divisão do material narrativo em 'estruturas oracionais', a catalogação destas estruturas em categorias discursivas baseadas nas noções de FIGURA e FUNDO, e a análise, catalogação e contagem das características dos elementos verbais presentes em cada categoria discursiva, chegou-se a resultados que corroboraram a hipótese inicial.

4. RESULTADOS

	Cat. 1 Disc. Direto	Cat. 2 FIGURA	Cat. 3 Cat. Interm.	Cat. 4 FUNDO
T I P O D E V E R B O				
Ação	49%	81%	78%	45%
Estado	33%	6%	13%	34%
	Cat. 1	Cat.2	Cat. 3	Cat.4
T E M P O				
	Pres. 25%	Pret. Perf. 97%	F. Nom. 54%	Imperf. 43%
	Pres.Atemp. 24%		Imperf. 20%	Pret. Perf. 19%
	Infinit. 15%			Pres.Atemp.15%
A S P E C T O				
	Iv. 90%	Pv. 90%	Iv. 91%	Iv. 76%

M O D O				
Real	60%	99%	62%	92%
Irreal	40%	1%	38%	8%
N o D E O R A Ç Õ E S				
	9%	24%	4%	63%

O quadro acima apresenta somente os elementos mais significativos dos resultados, que serão comentados a seguir:

A. Número de Orações

Nas narrativas estudadas, a parte que constitui o FUNDO foi numericamente bem maior do que aquela que constitui a FIGURA. Isto significa que este material foi bastante rico em elaborações, descrições, comentários, enfim, em informação de apoio à linha central dos eventos. Este é um traço social interessante das narrativas onde o narrador e o ouvinte são pessoas próximas. Nestes contextos de envolvimento familiar existe um clima propício para que o falante contribua com opiniões pessoais acerca da estória e que recheie esta estória com outros acontecimentos. Segundo Tannen(1985), nas conversações por ela analisadas, onde havia este envolvimento, observou-se que mais estórias eram contadas; as estórias eram geralmente sobre experiências pessoais; o ponto central das estórias referia-se, em geral, a sentimentos sobre estas experiências e percebeu-se uma tendência à representação, à dramatização.

O fato de ter havido mais estruturas de FUNDO do que de FIGURA pode servir ainda para ilustrar a afirmação de Reinhart de que não há uma relação apriorística entre FIGURA e maior importância (ou maior número, acrescento) e FUNDO e menor importância (ou menor número). Isto ocorre apesar de uma narrativa ser definida por

Labov pela presença de estruturas temporais, seqüenciadas (de FIGURA). Em outras palavras, pode existir uma narrativa sem FUNDO, entretanto isto não determina que a FIGURA seja mais relevante ou numerosa que o FUNDO.

B. Tipo de Verbo

Observando os tipos de verbo encontrados, tem-se que os verbos de *ação* e *estado* são os mais numerosos. A FIGURA apresenta o maior predomínio de verbos de *ação* e a menor incidência de *estativos*. No FUNDO, como era de se esperar, foi onde apareceu a maior porcentagem de verbos de *estado*, sendo eles, apesar disso, ainda menos numerosos do que os verbos de *ação*.

Resumindo, na FIGURA narrativa há a predominância de verbos de *ação* para a narração dos eventos e no FUNDO aparece mais significativamente os verbos de *estado*, que vão compor tipicamente as descrições e cenários.

C. Tempo e Aspecto

A Cat. 1, o Discurso Direto, apresenta uma variedade de tempos verbais numericamente significativos, porém ligados ao Aspecto Imperfectivo.

Para os eventos da FIGURA (Cat. 2) encontramos quase que exclusivamente (97%) o 'pretérito perfeito' de aspecto Perfectivo. Esta categoria, que traz o fio central dos fatos supostamente acontecidos, é a que apresenta maior uniformidade do ponto de vista das categorias verbais. Ela é marcada pelas formas de 'pretérito perfeito'. Quanto ao Aspecto, o predomínio é do Perfectivo; e nisso se opõe a todas as demais categorias discursivas.

A Categoria Intermediária (Cat. 3) também apresentou grande predominância de formas verbais Imperfectivas (91%). Notamos aqui, como esperávamos, a presença expressiva das formas nominais do verbo (54%), nas estruturas subordinadas, e a predominância do Aspecto Imperfectivo.

Na Cat. 4, o 'imperfecto' apareceu em 43% das estruturas, trazendo as descrições e os cenários, mais tipicamente compondo o FUNDO narrativo. O 'presente' e o 'presente atemporal' também serviram a este fim. As formas Imperfectivas totalizaram 76% dos casos, contra 18% de formas com valor Perfectivo, expresso no tempo verbal 'pretérito perfeito'. Estas formas Perfectivas ocorreram nas 'repetições', nos 'subenredos', ou seja, em seguimentos temáticos temporais que, embora ocorram no FUNDO, não são tão freqüentes a ponto de o caracterizarem, como as 'descrições', por exemplo.

Assim, o FUNDO narrativo é marcado principalmente pelo 'imperfecto' e pelo Aspecto Imperfectivo.

Pode-se afirmar que a distinção aspectual que está em jogo nos textos narrativos na nossa língua é aquela entre os valores Perfectivo e Imperfectivo. O Perfeito ocorreu muito inexpressivamente nos nossos dados, sendo que a maior porcentagem obtida foi a de 5%, no FUNDO.

D. Modo

Aqui tivemos mais uma vez a constatação do comportamento uniforme da FIGURA, que traz quase todas as suas estruturas marcadas como *reais*. Isso reforça a idéia de que os eventos seqüenciados que representam a estória são apresentados pelo falante como tendo de fato ocorrido. Este é, no texto narrativo, o local da objetividade, da certeza; em oposição à subjetividade, que pode mais facilmente ocorrer no FUNDO, em forma de opiniões, desejos, etc.

Constatamos, no gênero narrativo em geral, uma preferência pelo Modo *real*. O *irreal*, em nenhuma das categorias, supera a ocorrência do *real*.

Pela observação das categorias discursivas menores, ou seja, o material narrativo que aparece em discurso direto e as estruturas subordinadas às estruturas da FIGURA (Cat. 1 e Cat. 3), percebe-se que se comportam, em relação aos valores de Tempo, Modo e Aspecto, similarmente às estruturas do FUNDO, podendo desta forma serem a ele agrupadas.

Em síntese, a FIGURA narrativa é a categoria discursiva que se caracteriza por uma maior unidade formal. O ‘pretérito perfeito’ está presente de forma quase que única nesta categoria. Assim, a FIGURA é mais fortemente identificável e o ‘pretérito perfeito’ é a marca da seqüencialidade temporal. Já o FUNDO (e igualmente as categorias menores) apresentou uma variedade maior de tempos verbais, de Aspecto predominantemente Imperfectivo.

Na FIGURA, local da objetividade, percebemos o tempo passado ligado à modalidade *real*. Os fatos são tomados como certos, acontecidos e estruturas marcadas como *irreais*, portadoras de valores como a dúvida, a possibilidade, o desejo, que denotam a subjetividade, praticamente inexitem nesta parte do texto. Estas estruturas, pela própria natureza do texto narrativo, apesar de ocorrerem no FUNDO, nem aí superam as ocorrências do Modo *real*.

5. CONCLUSÃO

Baseou-se para este estudo no fato de que apreendemos o mundo ressaltando certos elementos em relação a outros e que as gramáticas das línguas refletem, de algum modo, esta pressão cognitiva. O discurso apresenta categorias marcadas distintamente, refletindo os níveis de nossa percepção, e a hipótese central investigada foi a de que no português o sistema verbal, com suas distinções de Tempo, Modo e Aspecto, serve lingüisticamente para a expressão deste princípio cognitivo.

Como resultado específico deste estudo, tem-se que as características semântico-formais encontradas na FIGURA e no FUNDO narrativos revelaram que as categorias verbais focalizadas são de fato recursos utilizados pelo falante no sentido de organizar seu texto e orientar o ouvinte para que este perceba basicamente aquilo que é material narrativo central, ou seja, a linha seqüenciada dos eventos (FIGURA) e aquilo que é informação que amplia estes fatos apresentados com descrições, comentários, etc. (FUNDO). O sistema de Tempo, Modo e Aspecto é um recurso da língua portuguesa para se fazer a distinção, que é universal, entre o que é a representação seqüenciada

dos fatos que se supõe terem acontecido, de um lado, e os elementos lingüísticos que recheiam estes fatos com informação suplementar, de outro.

NOTAS

- (*1) Este trabalho apresenta uma síntese revista da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado da autora, defendida em abril de 1993, na Faculdade de Letras da UFMG.
- (*2) O corpus utilizado para este trabalho foi extraído de 13 narrativas orais espontâneas, sem determinação prévia de tema, coletadas em 1990, de falantes do português do Brasil, de idade, sexo e nível de escolaridade variados. Optou-se por esta escolha aleatória, pois estudos pilotos mostraram que tais variáveis não afetariam os resultados da pesquisa.
- (*3) Por ter analisado várias línguas, Hopper apresenta um quadro básico das interrelações entre Linguagem Narrativa, Estrutura de Foco e Aspecto que se aplica, num maior ou menor grau, a todas as línguas estudadas. Segundo o autor, o quadro seguinte é possivelmente universal e as línguas vão diferir entre si quanto à intensidade com que vão gramaticalizar as distinções:

Perfectivo

- . seqüenciamento cronológico estrito
- . visão do evento como um todo, necessariamente completado para que haja o evento subsequente
- . identidade do sujeito em cada episódio
- . distribuição de foco não-marcada, pressuposição do sujeito e asserção no verbo e seus complementos imediatos (ou outro foco não-marcado)
- . tópicos humanos
- . eventos dinâmicos, cinéticos
- . FIGURA: eventos indispensáveis à narrativa

Imperfectivo

- . simultaneidade ou sobreposição cronológica das situações
- . ausência da exigência da compleção
- . mudanças freqüentes de sujeito
- . distribuição marcada de foco: sujeito, instrumento, adverbiais
- . variedade de tópicos
- . situações estáticas, descritivas
- . FUNDO: estados ou situações necessárias para a compreensão das atitudes, dos motivos, etc.

- (*4) Há uma falta de uniformidade terminológica em se tratando de Aspecto: um mesmo termo às vezes é empregado por lingüistas diferentes com sentidos

distintos; por outro lado, termos distintos vêm convergir a um mesmo significado se se compara diferentes estudos. Neste trabalho, Perfectivo e Perfeito têm sentidos muito diferentes um do outro. Perfectivo opõe-se a Imperfectivo, ambos focalizando a constituição temporal interna do fato verbal, enquanto Perfeito expressa uma relação entre dois tempos.

- (*5) Givón(1984) descreve bem os valores ligados ao Perfeito, tido por ele como o mais complexo de todos os “tempo-aspectos em língua humana”. Esta complexidade está no fato de esta categoria envolver elementos temporais e aspectuais. O autor relaciona quatro maiores subcomponentes do Perfeito, que as diversas línguas vão enfatizar diferentemente, mas sendo, porém, alta a incidência de codificação de todos eles em uma mesma categoria morfêmica. Estes subcomponentes são: *perfectividade; relevância corrente; anterioridade e contra-seqüencialidade.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE, Joan L.. *Morphology*. John Benjamins P. Co., Amsterdam/Philadelphia, 1985.
- CHVANY, Catherine V.. 'Foregrounding, "Transitivity", Saliency (in Sequential and Non-Sequential Prose)'. In: *Essays in Poetics*, Volume 10, Number 2, 1-27. G.B., University of Keele, 1985.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge, Cambridge University Press, 1976.
- COSTA, Sônia B. B.. *O Aspecto em Português*. São Paulo, Contexto, 1990.
- DUTRA, Rosália. 'Algumas Considerações sobre o Estudo do Português Oral'. 1991 (Mimeo).
- GIVÓN, T.. "Iconicity, Isomorphism and Non-Arbitrary Coding in Syntax. In *Iconicity in Syntax*, 187-219. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins. Publishing Company, 1985.
- _____, 'Tense-Aspect-Modality'. In: *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins. Publishing. Company, 1984.
- _____, 'Tense-Aspect-Modality: the Creole Prototype and Beyond'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 65-87. Ed. Paul J. Hopper, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- HOPPER, Paul J.. 'Aspect and Foregrounding in Discourse'. In: *Syntax and Semantics*, Vol. 12. N.Y/S.F./L., Academic Press, 1979.
- _____, 'Some Observations on the Typology of Focus and Aspect in Narrative Language'. In: *Studies in Language*, 3.1, 37-64. Amsterdam, John Benjamins B. V. Publisher, 1979.

- KALMAR, Ivan. 'The Function of Iniktitut Verb Modes in Narrative Texts'. In: *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 45-64. Ed. Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- LABOV, William. 'The Transformation of Experience in Narrative Syntax'. In: *Language in the Inner City*. Philadelphia, University of Pa. Press, 1972.
- LI, Charles N., THOMPSON, R. McMillian e Thompson, Sandra A. 'The Discourse Motivation for the Perfect Aspect: The Mandarin Particle Le'. In: *Tense - Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, 19 - 44. Ed. by Paul J. Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Co., 1982.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- OCHS, Elinor. 'Transcription as Theory'. In: *Developmental Pragmatics*. Ed. Elinor Ochs and Bambi B. Schieffelin. N.Y., Academic Press, 1979.
- PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis, Editora Vozes LTDA, 1973.
- REINHART, Tanya. 'Principles of Gestalt Perception in the Temporal Organization of Narrative Texts'. A paper for *Synopsis No 4: Representation in Fiction*. Telaviv, 1982.
- SOARES, Maria Aparecida B.P. *A Semântica do Aspecto Verbal em Russo e em Português*. Rio de Janeiro, UFRJ; 1984. (Mimeo) - Tese de Doutorado.
- TANNEN, Deborah. 'Relative Focus on Involvement in Oral and Written Discourse'. In: *Literacy, Language and Learning: The Nature and Consequences of Reading and Writing*. 124-147. C/L/N.Y./N. R./M./ S, Cambridge University Press, 1985.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O Aspecto Verbal no Português: A Categoria e sua Expressão*. Uberlândia, Universidade de Uberlândia, 1985.